



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**RAQUEL ROLDAN MASTROROSA**

**MORTUI MORITUROS SALUTANT: Considerações sobre os rituais de sepultamento dos sítios Lajedo do Cruzeiro (PB) e Pedra da Tesoura (PB).**

**GUARABIRA  
2018**

**RAQUEL ROLDAN MASTROROSA**

**MORTUI MORITUROS SALUTANT: Considerações sobre os rituais de sepultamento dos sítios Lajedo do Cruzeiro (PB) e Pedra da Tesoura (PB).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em História.

Orientador: Prof. M.<sup>a</sup> Naiara Ferraz Bandeira Alves.

**GUARABIRA  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M423m Mastrorosa, Raquel Roldan.  
MORTUI MORITUROS SALUTANT [manuscrito] :  
considerações sobre os rituais de sepultamento dos sítios  
Lajedo do Cruzeiro (PB) e Pedra da Tesoura (PB) / Raquel  
Roldan Mastrorosa. - 2018.  
30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves,  
Coordenação do Curso de Direito - CH."

1. Morte. 2. Rituais fúnebres. 3. Paraíba.

21. ed. CDD 393

**RAQUEL ROLDAN MASTROROSA**

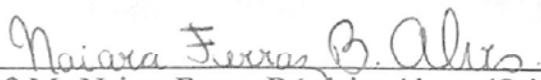
**MORTUI MORITUROS SALUTANT: Considerações sobre os rituais de sepultamento dos sítios Lajedo do Cruzeiro (PB) e Pedra da Tesoura (PB).**

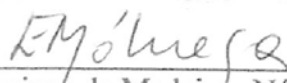
Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em História.

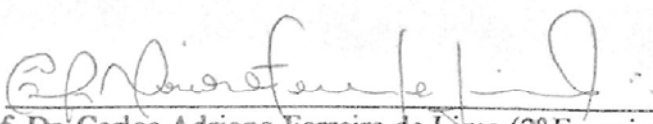
Área de concentração: História Regional

Aprovada em: 26/04/18.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. M.<sup>a</sup> Naiara Ferraz B. Alves. (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr.<sup>a</sup> Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega (1<sup>a</sup> examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (2<sup>o</sup> Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*In memoriam,*  
À Profª Drª. Marisa Tayra Teruya, por nunca ter permitido  
que eu desistisse dos meus sonhos, dedico.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao dom da vida. À oportunidade a mim cedida de poder compor parte da minha família, base de toda a minha vida e formação, dedico com carinho aos meus pais Gilmar Mastrorosa e Rosiris Mastrorosa, por terem sido a ponte sobre águas turbulentas na minha vida.

Ao Mongo, meu filhão de quatro patas, ao Sr. Pudim (*in memorian*) por ter sido a melhor companhia durante minha estadia em Guarabira, e a Pushinka, que me acompanhou em algumas escavações e pesquisas, agradeço por todo o companheirismo, amizade e fidelidade ao longo dos anos.

Com honra de agradecer aos meus irmãos, presentes da vida e da amizade, Diego Cavalcante, Felipe Pereira, Renan Caetano e Leonardo Oliveira, que sempre estiveram ao meu lado.

Ao meu companheiro e amigo Victor, que tem sido parte importante e especial da minha vida nos últimos meses, me apoiando cotidianamente e cuidando de mim da melhor maneira possível.

À minha orientadora por toda sua paciência e dedicação.

Aos meus caros colegas, amigos e irmãos Raquel, Genilma, Jaymisson, Onisson, Ana Cristina, Leandro, Elisiane, Nereu, David, Berg, Welliginton, Everton e Marcella, que muito me ensinaram sobre a vida e sobre História ao longo dos quatro anos que caminhamos juntos, alegrando-se com minhas vitórias e conquistas.

Ao Prof. Flávio Moraes, por ter sido ponte para a realização dos meus sonhos, ensinando-me, instruindo-me e conduzindo-me nos trilhos da arqueologia e da pesquisa.

Aos companheiros de campo e de arqueologia, Mattheus Belo, Arthur Marinho, Plínio Victor, Danúbia, Múcio, Joadson, José e Tati, também aos moradores da Comunidade do Marinho, que mostraram quão gratificante pode ser um trabalho árduo e braçal, se feito com amor, dedicação, agradeço por todo o aprendizado e amizade.

Agradeço de forma especial ao Batman, por todos os ensinamentos já apreendidos através de sua histórias.

Aos professores do Centro de Humanidades que foram parte essencial para minha formação, em especial à Prof. Marisa Tayra Teruya (*in memorian*), que nunca desistiu dos meus sonhos e nunca deixou que eu desistisse.

À todos que, citados acima ou não, nunca desistiram de mim, agradeço.

*“Morrer... dormir... Dormir!  
Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!  
Os sonhos que não de vir no sono da morte  
Quando tivermos escapado ao tumulto vital  
Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão  
Que dá à desventura uma vida tão longa.”*

*(SHAKESPEARE, 1984, p. 51)*

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
2	<b>Os Tapuias dos Sertões</b> .....	12
3	<b>Práticas Funerárias dos Tapuias</b> .....	14
3.1	<b>Relatos Etnográficos</b> .....	14
3.2	<b>Pesquisas Arqueológicas</b> .....	15
4	<b>Os sítios arqueológicos na Paraíba</b> .....	16
4.1	<b>Precedentes</b> .....	16
4.2	<b>Novas Escavações</b> .....	18
4.2.1	<i>Sítio Lajedo do Cruzeiro</i> .....	18
4.2.2	<i>Sítio Pedra da Tesoura</i> .....	19
5	<b>CONCLUSÃO</b> .....	21
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	25



## ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 01 – Mapa de Localização do Município de Pocinhos (PB) .....	19
Fig. 02 – Mapa de Localização do Município de Boqueirão (PB) .....	20
Fig. 03 – Ossos pigmentados com Óxido de Ferro .....	21

## **MORTUI MORITUROS SALUTANT: Considerações sobre os rituais de sepultamento dos sítios Lajedo do Cruzeiro (PB) e Pedra da Tesoura (PB).**

Raquel Roldan Mastrorosa<sup>1</sup>

**Resumo:** A Morte tem sido alvo de indagações, debates e ressignificações ao longo dos séculos, os rituais fúnebres demonstram, através da cultura material e metodologias, particularidades e valores culturais importantíssimos que nos possibilitam compreendermos sociedades que já não existem mais. Procuramos, através das pesquisas e documentações etnográficas e também das pesquisas arqueológicas, realizadas na Paraíba, apreendermos a respeito das populações que habitavam o interior no período Pré-cabralino e as suas relações com a Morte. Analisamos os estudos arqueológicos partindo de pesquisas precedentes realizadas nos sítios Barra (Camalaú), Serrote da Macambira (São João do Cariri), Pinturas I (São João do Tigre) e Furna dos Ossos (São João do Cariri), trazendo resultados preliminares dos sítios Lajedo do Cruzeiro (Pocinhos) e Pedra da Tesoura (Boqueirão). Designamos a correlação dos rituais fúnebres identificados nos sítios da Paraíba com outros sítios no Nordeste do Brasil, como também averiguando asseguradamente suas atribuições às populações Tapuias. O estado do conhecimento atingido a partir dos trabalhos analisados e das pesquisas realizadas pode ser utilizado em outros estudos, com repercussão de análises comparativas de rituais fúnebres de populações pretéritas.

**Palavras-chave:** Morte; rituais fúnebres; Paraíba;

### **INTRODUÇÃO**

Falar sobre os rituais fúnebres, em qualquer que seja o período, sociedade ou cultura, é perceber a Morte<sup>2</sup>, o passar do tempo e suas (des)continuidades. Ao longo da história presentifica-se o culto à morte em diversos olhares, como por exemplo na antiguidade “euro oriental<sup>3</sup>” que, segundo o livro *A solidão dos Moribundos* (ELIAS, 2012), faz-se perceptível não só a ausência de identidade mútua, mas também a ausência de empatia. Quando se aborda o tema morte como um sacrifício, principalmente quando consideramos as arenas de combate e gladiações<sup>4</sup>, constatamos que este processo tornou-se um espetáculo, uma distração para as populações e uma aceitação para àqueles destinados às arenas, podendo também ser percebida

1 Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III

E-mail: raquel\_mastrorosa@hotmail.com

2 Escolhemos grafar a palavra Morte, iniciando com letra maiúscula, para designarmos a Morte enquanto tema, conceito, co-relacionando com o que podemos perceber através da arqueotanatologia.

3 Partindo do uso da liberdade poética, referimo-nos a uma antiguidade “euro-oriental” ao período que corresponde às civilizações arcaicas, porém em certo grau de desenvolvimento que se situavam nos limites orientais da Europa. Achamos por bem definirmos o local visando respeitar a noção temporal de que a “antiguidade” não é exclusividade do território europeu, como concebido pela historiografia tradicional.

4 As gladiações ocorreram na Roma entre os anos de 264 a.C. até 399 d.C..

como um “presente” para os imperadores (Césares), muitas vezes considerados imortais, que eram saudados pelos gladiadores ao entrarem nas arenas com a expressão *MORITURI TE SALUTANT* (os que vão morrer te saúdam) (MONTANARI, 2011), detonando assim, uma certa conformação com o sacrifício.

O que inspirou a escolha do título desta pesquisa, *MORTUI MORITUROS SALUTANT* cujo significado é “Os mortos saúdam os que vão morrer”, se conecta a esta pesquisa fazendo alusão e crítica à expressão antiga destinada a um “imortal”. Pois, assim como os mortos saúdam/falam a luz da arqueologia, tal expressão nos coloca diante da finitude do nosso próprio ser, porque, segundo o sociólogo Norbert Elias, pesquisar e falar sobre “a morte do outro é a lembrança de nossa própria morte” (ELIAS, 2012, p. 11). Nesse sentido, consideramos deveras interessante presentificar e descontinuar pensamentos antes comuns, bem como ressignificar o pensar a Morte e ainda problematizar e tornar múltiplos os caminhos dessa escrita, com o latim que por coincidência é uma língua considerada mística por muitos, e até fúnebre por outros.

Pensarmos a morte e suas descontinuidades é pensarmos acima de tudo a natureza e suas leis; em proporções evolutivas, pensarmos os ciclos das espécies, é pensarmos inícios e fins. Se cogitarmos a morte como mero resultado da vida, a morte por si só é tão obsoleta quanto o nascimento, pois é oriunda da natureza cíclica, sem que o meio seja justificado.

Para muitos, a ideia de morte manifesta-se como uma incógnita, para tantos outros como uma *ruptura* (ARIÈS, 2012, p. 65), uma descontinuidade da vida. Ainda há aqueles que concebem a morte como uma transição da vida para um *pós-vida espiritual* (ELIADE, 1992, p. 94). É o silenciamento do nosso corpo, a perda da nossa individualidade, a descontinuidade da nossa vida. Morin concebe a morte como o “fim do indivíduo” (1988, p. 290), “uma espécie de vida, que prolonga, de uma forma ou de outra, a vida individual”, como uma “imagem” e não uma *ideia*, uma metáfora (1988, p. 25).

A Morte enquanto conceito não faz jus a sua veracidade. Podemos considerar a morte como uma das primeiras preocupações de nossa espécie, conseqüentemente, como um dos primeiros traços de nossa humanidade (MORIN, 1988). E, partindo da concepção evolutiva

do homem e da natureza, não só a linguagem e a comunicação adquirida e aprimorada diferem culturas e sociedades ao longo dos anos, “mas também a experiência da morte. Ela é variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida” (ELIAS, 2012, p. 8).

Todavia, para além destas concepções, a morte pode também ser percebida como um “*problema*” que sempre existirá para os vivos e não para quem morreu. Não cabe a nós, historiadores, questionarmos ou problematizarmos o que acontece quando se morre. O que nos cabe é refletirmos em como ela foi e é apreendida pela humanidade, compreendermos os rituais, os significados que se atribuem aos mortos, a relação do antropo<sup>5</sup> com o Tânatos<sup>6</sup>.

Analisar a Morte e a forma como o homem a percebe, é essencialmente estudar os lugares de morte e os rituais de sepultamento, as disparidades e as perpetuações, como aponta Elias, “ideias de morte e os rituais correspondentes tornam-se um aspecto da socialização. Ideias e ritos comum unem pessoas; no caso de serem divergentes, separam grupos” (ELIAS, 2012, p. 8). Compreendemos este processo de ritualização e da elaboração dos espaços de morte como construções e lugares de *memória*, apreendemos aqui memória enquanto “vida, sempre carregada por grupos vivos” (NORA, 1993). Tais construções estão sujeitas a modificações, mudanças e intenções diferentes, que devem ser compreendidas a partir de cada período, cultura e sociedade.

É partindo destas reflexões iniciais que pretendemos compreender como se deu a relação dos índios Tapuias com a morte e, conseqüentemente, com os rituais de sepultamento, objetivando a apreensão sobre sua cultura, buscando perceber as continuidades entre as práticas funerárias identificadas nos sítios arqueológicos com as práticas descritas nas documentações referentes a estes povos (AZEVEDO NETTO e OLIVEIRA, 2015; BELTRÃO *et al.*, 1995/6; BORGES, 2010; CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2004; DUARTE, 2003; GUIDON *et al.*, 1998; LIMA e MORAES, 2017; LIMA *et al.*, 2017; LINDOSO, 2008; LUZ, 2014; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995/6; MARTIN, 2005; OLIVEIRA, 2006;

5 Antropo, do grego, homem.

6 Tânatos, da mitologia grega, a morte; personificação da morte.

SANTOS, 2009; SILVA, 2005; SILVA, 2015; SILVA *et al.*, 2007/8; SOLARI e SILVA, 2017; SOLARI *et al.*, 2016; TEIXEIRA, 2012; VERGNE, 2002; VERGNE e AMÂNCIO, 1992).

Os nossos estudos percorrem através das pesquisas realizadas com base na literatura histórica dos cronistas viajantes do Brasil colonial, em documentações disponibilizadas em arquivos, em estudos filológicos, como também nas pesquisas historiográficas e arqueológicas mais recentes acerca dos Tapuias, juntamente com as pesquisas arqueológicas<sup>7</sup> realizadas nas cidades de Pocinhos e Boqueirão na Paraíba no ano de 2017.

## 2. Os Tapuias dos Sertões

Os Tapuias podem ser compreendidos como os habitantes dos sertões do Brasil, uma vez que na zona da mata encontravam-se predominantemente os Tupis (SANTOS, 2011). O termo Tapuia<sup>8</sup> não faz jus diretamente a um determinado grupo de índios, entretanto, era a maneira pelo qual os tupis chamavam todos aqueles que habitavam o interior, sendo diferente deles em cultura e que não falavam a *língua comum* (BARLÉUS, 1974; CARDIM, 1978; CÂMARA CASCUDO, 1953; DANTAS *et al.*, 1992; GÂNDAVO, 1858; HERCKMAN, 1886; LAET, 1912; NIEUHOF, 1949; PINTO, 1956; SOBRINHO, 1934). Mesmo podendo ser compreendidos equivocadamente como um só grupo, os Tapuias “distinguem-se por suas designações, línguas, costumes e territórios” (BARLÉUS, 1974, p. 260). Faz-se necessário compreendermos que a distinção entre esses grupos se dá principalmente através da classificação linguística oriundas dos estudos filológicos, dentre os quais temos distintamente os Tarairiús, possuidores de uma língua isolada, e os Cariris, provenientes do tronco linguístico Macro Jê. (URBAN, 1992)

Relatos detalhados sobre os costumes dos Tarairiús podem ser encontrados principalmente nas obras dos cronistas que tinham afinidades com os holandeses, a exemplo de Marcgrave em 1648 (1972), Barléus em 1647 (1974) e Elias Herckman em 1636 (1886),

<sup>7</sup> As pesquisas arqueológicas compõe um projeto de doutorado do pesquisador Flávio Augusto de Aguiar Moraes, e também um projeto mais amplo que foi elaborado pelos Arqueólogos Plínio Araújo Victor e Flávio Moraes, do Instituto Memorial da Borborema, no âmbito de tentar compreender o modo de vida dos Tapuias que habitavam o planalto da Borborema, os projetos contam com a parceria, da Prefeitura Municipal de Pocinhos, Prefeitura Municipal de Boqueirão e com a comunidade do Distrito do Marinho.

<sup>8</sup> O termo Tapuia pode ser encontrado em outras grafias nas documentações historiográficas, sendo elas: Tapuhia (SALVADOR, 1931), Tapuya (CARDIM, 1978), Tapyya (FIGUEIRA, 1915), Tapuyo (BRITON, 1891), Tapuhy (VARNHAGEN, 2002), Tapuyers (NIEUHOF, 1942) e Tapuza (PINTO, 1956)

uma vez que tal nação encontrava-se aliada aos ocupantes<sup>9</sup> no período. Todavia, encontramos também o relato de Pedro Carrilho de Andrade<sup>10</sup> (CARTA, 1704), que faz uma breve descrição acerca desta nação para o Rei Dom Pedro II.

Dentre os povos Tapuias, mais precisamente no estado da Paraíba, segundo as narrações do cronista neerlandês Elias Herckman, encontravam-se os tapuias em “várias nações distintas” onde achavam-se os “Caryrys, cujo rei se chama Kerioukeiou”, os “Caririwasys, e o seu rei Karipoto”, os “Careryjouros”, e a nação “Tarairyou, do rei Jan Dowi<sup>11</sup>”. Esta última foi onde o cronista encontrou maior suporte para transmitir os conhecimentos adquiridos sobre os costumes e tradições através de suas narrativas, por conta da proximidade destes com os holandeses (1886, p. 279).

No que tange aos índios Cariris, também compreendidos como Tapuias e habitantes da mesma região, os mesmos “form a distinct linguistic family comprising the Dzubukua, Kipea, Pedra Branca, and Sapuya dialects<sup>12</sup>”, (LOWIE, 1946, p. 557). Ocupantes de um território que se estende “desde o Paraguassú e o Rio São Francisco até o Itapucurú, talvez mesmo até ao Gurupi”, como aponta Rodolfo Garcia<sup>13</sup>, ou ainda na compreensão de Sobrinho (1947), “das regiões meridionais do Ceará (Vale do Cariri e adjacência) ao centro norte da Baía, ao sul do Rio São Francisco”, abarcando assim exatamente a região das coordenadas geográficas das quais aponta Lowie (1946, p. 557), “Lat. 8° S, Long. 40° W<sup>14</sup>”.

Os relatos que temos dos Cariris durante o período colonial consistem praticamente em estudos acerca das linguagens, da formação de dicionários e dos relatos das missões religiosas<sup>15</sup>, tendo em vista a necessidade do período de que se tinha em conhecer a língua para melhor catequizar. O que sabemos em si sobre a sua cultura é bem escasso se comparado

9 Correspondente ao período do Domínio Holandês ou Ocupação Holandesa no Brasil nos anos de 1624 – 1954.

10 Carta do brasileiro Pedro Carrilho de Andrade ao Rei (D. Pedro II) sobre o envio de um memorial de notícias e lembranças acerca da paz e guerra com o gentio do Estado do Brasil, datada de 18 de março de 1704.

11 Jan Dowy pode ser encontrado em outra grafia como Jandui (BARLÉUS, 1974).

12 Traduzido pelo autor: “formam uma família linguística distinta, compreendidas nos dialetos Dzubukua, Kipea, Pedra Branca e Sapuya”/“form a distinct linguistic family comprising the Dzubukua, Kipea, Pedra Branca, and Sapuya dialects”

13 Prefácio de Rodolfo Garcia do livro *Catecismo da Doutrina Cristã na Língua Brasileira da Nação Kariri*, de Luiz Vincencio Mamiani, 1942.

14 Apresentamos as coordenadas geográficas para que facilite a compreensão da região através da cartografia, independente de conhecimento prévio de localização.

15 Missões religiosas presentes no Brasil desde 1500 com o intuito de catequizar os nativos, sendo encontradas aqui missões jesuíticas, franciscanas, beneditinas, carmelitas e hábitos de São Pedro.

aos relatos que temos sobre os Tarairiús, porém foi através dos estudos filológicos que Sobrinho aponta uma semelhança *léxica* e de *analogia sintática*, que possibilitou o mapeamento das origens dos Cariris, considerando suas “línguas oriundas dos povos brasílicos, vindos da Amazônia.” (SOBRINHO, 1950 p. 346).

### 3. Práticas Funerárias dos Tapuias

#### 3.1 Relatos Etnográficos

As documentações etnográficas das quais nos debruçamos em nossos estudos, consistem, principalmente, em relatos de cronistas viajantes e de missionários estabelecidos em aldeamentos. No primeiro caso, os relatos baseiam-se em descrever com maior elucidação as práticas culturais Tarairiús, tendo em vista suas singularidades. No que diz respeito aos Cariris, percebemos que os missionários satisfizeram as expectativas que as ordens religiosas tinham para com estes índios, onde hoje podemos encontrar dicionários e estudos filológicos que nos permitem um conhecimento mais aprofundado sobre a língua destes povos (GOEJE, 1950; LOWIE, 1946; MAMIANI, 1942; NANTES, 1896; NANTES, 1979; SAMPAIO, 1902; SOBRINHO, 1947; SOBRINHO, 1950; URBAN, 1992).

Os Tarairiús são concebidos pelos cronistas como populações antropofágicas, ou seja, populações que consumiam a carne humana, entretanto, estas nós não consideramos canibais, pois a consumação dava-se, apenas, no processo ritualístico fúnebre, sendo tal processo conhecido mais especificamente como endocanibalismo (BORGES, 2010; LINDOSO, 2008; SILVA, 2015). Relatos podem ser encontradas nas narrativas de Barléus (1974), Elias Herckman (1886), Marcgrave (1942), Nieuhof (1942), entre outros. Todavia, explicitamos, por meio das narrativas de Herckman (1886), o rito observado entre a tribo de Janduí,

“Si morre algum delles, seja homem ou mulher, em sendo morto, comem-no, dizendo que o finado não pode ser melhor guardado ou enterrado do que em seus corpos.[...] às vezes não o podem comer todo, então guardam o resto para ocasião oportuna, especialmente os ossos que, depois de queimados, pisados e reduzidos a pó, misturam com a sua farinha e assim comem.” (1886, p. 285)

No livro “Relação de uma missão no Rio São Francisco” (1979), o padre capuchinho Martinho de Nantes, expressa por intermédio de seus relatos as práticas ritualísticas dos índios Cariris. Após o contato com a fé cristã, surgem narrativas como meio de expressar os avanços da catequização entre os indígenas, não nos deixando a par das práticas destes grupos antes das mudanças ocasionadas por conta das missões religiosas.

No mais, os relatos etnográficos que se referem aos Cariris não expressam detalhadamente seus rituais fúnebres, entretanto é sabido que, diferentemente dos Tarairiús, os Cariris não eram praticantes do canibalismo e também costumavam atribuir a *causa mortis*, quando não por velhice, à feitiçaria, na qual costumavam condenar os acusados à morte. (LOWIE, 1946; NANTES, 1979).

### 3.2 Pesquisas Arqueológicas

Os apontamentos acerca dos ritos fúnebres percebidos pela arqueologia, dar-se-ão fundamentalmente com base nas pesquisas que vem sido realizadas nas necrópoles indígenas no Nordeste do Brasil desde a segunda metade do século XX (AZEVEDO NETTO e OLIVEIRA, 2015; BELTRÃO *et al.*, 1995/6; BORGES, 2010; CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2004; DUARTE, 2003; GUIDON *et al.*, 1998; LIMA e MORAES, 2017; LIMA *et al.*, 2017; LINDOSO, 2008; LUZ, 2014; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995/6; MARTIN, 2005; OLIVEIRA, 2006; SANTOS, 2009; SILVA, 2005; SILVA, 2015; SILVA *et al.*, 2007/8; SOLARI e SILVA, 2017; SOLARI *et al.*, 2016; TEIXEIRA, 2012; VERGNE, 2002; VERGNE e AMÂNCIO, 1992), quando foram percebidos determinados padrões de enterramentos e ritos, numa área correspondente ao local de habitação dos Tapuias, segundo os relatos etnográficos supracitados. Para tanto, é necessário compreendermos quais são os processos de deposições já identificados pela arqueologia, os quais são usados como parâmetros para a realização das pesquisas.

As deposições podem ser do tipo *primárias*, estabelecidas como o processo de inumação ritualístico inicial, quando os restos humanos são “depositados logo após a morte do indivíduo” (DUARTE, 2003, p. 266). E do tipo *secundárias*, quando é realizado o



processo de ritualização dos ossos do indivíduo. Estas “são caracterizadas, a priori, pela desarticulação do esqueleto” (SILVA, 2005), como também pela transposição do corpo para locais, muitas vezes distintos do espaço inicial da inumação primária. (CISNEIROS, 2004; DUARTE, 2003; DUDAY, 2006; KNÜSEL, 2014). Em ambos os casos, as deposições podem ser realizadas de maneira direta ou indireta sobre o solo, a diferenciação dar-se-á pelo possível acondicionamento em esteiras, furnas ou acomodadas em estruturas feitas de rochas (CISNEIROS, 2004; DUARTE, 2003; DUDAY, 2006; KNÜSEL, 2014).

As deposições ainda podem ser do tipo *múltiplas*, “defined as the simultaneous deposition of several bodies<sup>16</sup>”, compostas por deposições primárias sequenciais (KNÜSEL, 2014, p. 43) ou *coletivas* “in these collective burials, of which the [...] osseous remains are, for the most part, disarticulated and are many times fragmented in the extreme<sup>17</sup>” (DUDAY, 2006, p. 50). É plausível considerarmos, também, que por entre os enterramentos e processos ritualísticos, encontramos deposições com sinais de cremação (processo de queima parcial dos ossos) ou de incineração (redução total dos ossos a pó), como também ossos pintados com óxido de ferro. (SILVA *et al.*, 2007/8; BORRINI *et al.*, 2012)

De maneira associada com o enterramento, podemos encontrar pertences e vestígios que fazem/fizeram parte do processo ritualístico, sendo eles: contas de colar, pingentes, sementes, ossadas de animais, materiais líticos, fibras vegetais, cerâmicas, conchas, etc. que podem permitir o estabelecimento de linhas de desenvoltura evolutiva cultural e na identificação de determinados especificações que possam auxiliar para a compreensão comportamental de determinados grupos para com o rito.

#### **4. Os sítios arqueológicos na Paraíba**

##### **4.1 Precedentes**

16 Traduzido pelo autor: “definido como a deposição simultânea de vários corpos”/ “defined as the simultaneous deposition of several bodies”

17 Traduzido pelo autor: “em sepultamentos coletivos, dos quais os restos ósseos são na maior parte desarticulados e muitas vezes fragmentados ao extremo”/“in these collective burials, of which the [...] osseous remains are, for the most part, disarticulated and are many times fragmented in the extreme”

No ano de 2008 foram realizadas escavações para fins de pesquisa, nos sítios cemitérios Pinturas 1 e Furna dos Ossos, pelo Arqueólogo Juvandí de Souza Santos (UEPB) e pelo então estudante de Biologia da Universidade Estadual da Paraíba, Allysson Allan de Farias. O sítio Pinturas 1 fica estabelecido no Município de São João do Tigre. SANTOS (2011) afirma que o mesmo sítio já havia sido parcialmente escavado na década de 1970 por Armando Laroche, interferindo na coleta de dados essenciais à pesquisa. O sítio Furna dos Ossos está localizado no Município de São João do Cariri, ambos situados no semiárido paraibano.

Isentos da data das escavações, sabemos, pois, que os sítios Barra e Serrote da Macambira foram escavados pelo Arqueólogo Carlos Xavier de Azevedo Netto (UFPB), os respectivos sítios estão localizados nos Municípios de Camalaú (Barra) e São João do Cariri (Serrote da Macambira), também no semiárido paraibano. Azevedo Netto e Oliveira (2015), afirmam terem enfrentado dificuldades na realização da coleta de dados nas escavações do sítio Serrote da Macambira pelo mesmo ter sofrido com uma interferência policial que acabou por descontextualizar o sítio. As informações analisadas e coletadas no que dizem respeito aos rituais e aos materiais associados, possivelmente parte do enxoval fúnebre, estão situadas abaixo (Tabela 1 e Tabela 2). Estas informações foram coletadas a partir da bibliografia dos respectivos pesquisadores (AZEVEDO NETTO E OLIVEIRA, 2015; SANTOS, 2009; SANTOS e FARIAS, 2009; SANTOS, e FARIAS, 2010; SANTOS, 2011).

**Tabela 1 - Enterramentos**

Sítio Arqueológico	Número de Enterramentos	NMI*	Tipo de Enterramento					Pintura Óssea
			Primário	Secundário	Individual	Coletivo	Múltiplo	
Barra	...	...	-	x	...	...	...	...
Furna dos Ossos	...	14	-	x	...	...	...	x
Pinturas 1	...	35	...	...	...	...	...	...
Serrote da Macambira	...	15	-	x	...	...	...	x

\*NMI : Número Mínimo de Indivíduos

Fonte:Elaborado pelo autor

**Tabela 2 – Materiais Associados**

Sítio Arqueológico	Material Associado						
	Contas de Colar	Lítico	Cerâmica	Fibra Vegetal	Cestaria	Fogueira	Fauna
Barra	-	-	-	x	x	-	-
Furna dos Ossos	x	x	x	x	-	-	-
Pinturas I	x	x	x	-	-	-	-
Serrote da Macambira	-	x	x	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor

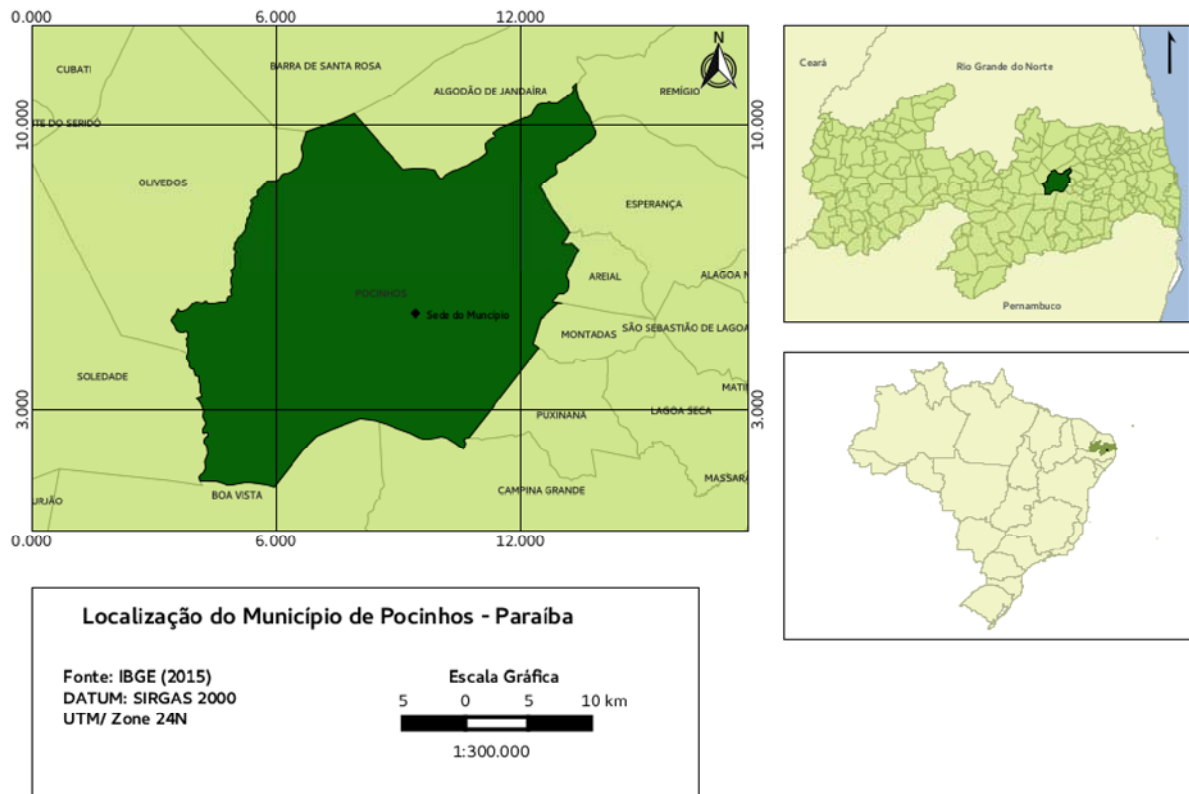
## 4.2 Novas Escavações

No ano de 2017 o Arqueólogo e doutorando pela Universidade de Coimbra Flávio Augusto de Aguiar Moraes iniciou novas escavações no interior do estado da Paraíba, para fins de pesquisa e elaboração da sua Tese. As pesquisas que estão sendo realizadas para fins de doutoramento do pesquisador Flávio Moraes, conta com o apoio e parceria do Instituto Memorial da Borborema, da Prefeitura Municipal de Pocinhos, Prefeitura Municipal de Boqueirão e com a comunidade do Distrito do Marinho. As informações apresentadas a seguir são resultados preliminares de uma pesquisa que ainda está em andamento, cedidas para a elaboração deste artigo pelo coordenador das escavações Flávio Augusto de Aguiar Moraes. Retificamos que os resultados apresentados acerca das escavações são parciais.

### 4.2.1 Sítio Lajedo do Cruzeiro

O sítio Lajedo do Cruzeiro teve a campanha de escavação realizadas em março de 2017, está localizado no perímetro da sede do Município de Pocinhos (Figura 1) no semiárido paraibano. O sítio corresponde a um abrigo situado no alto de uma formação rochosa, conhecida na região como Lajedo do Cruzeiro.

Figura 1 – Mapa de localização do Município de Pocinhos (PB)



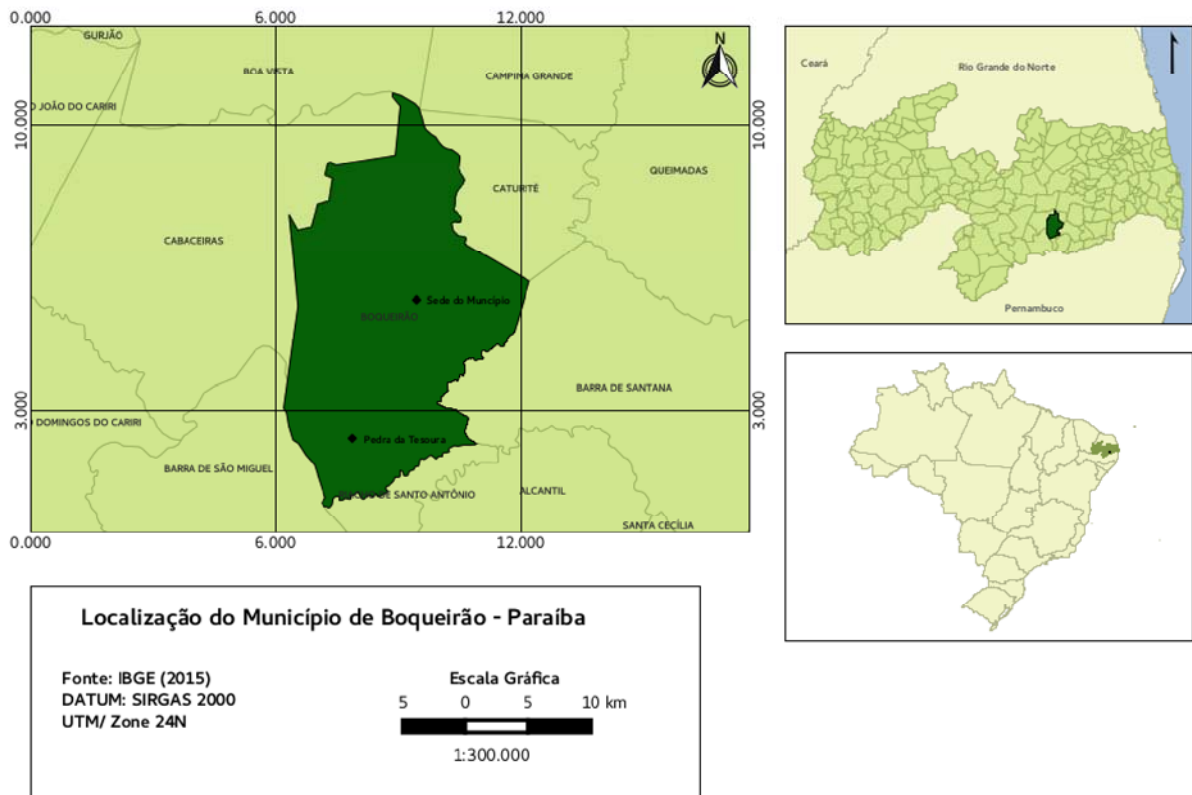
Fonte: Elaborado pelo autor

No que tange as análises de rituais, foram encontrados um sepultamento em contexto do tipo secundário, coletivo, onde o NMI (Número Mínimo de Indivíduos) corresponde a 8, sendo 7 não adultos e 1 adulto. O material associado ao enterramento, considerado como parte do enxoval fúnebre, consiste em um bico de ave (possivelmente periquito) e contas de colar concebidas a partir de ossos de aves.

#### 4.2.2 Sítio Pedra da Tesoura

O Sítio e abrigo Pedra da Tesoura até o presente momento teve duas campanhas de escavação realizadas nos meses de maio e novembro de 2017. Está localizado no alto de um morro nas proximidades do Distrito do Marinho, no Município de Boqueirão (Figura 2), no semiárido da Paraíba.

Figura 2 – Mapa de localização do Município de Boqueirão (PB)



Fonte: Elaborado pelo autor

As informações coletadas no sítio, até o presente momento, consistem numa totalidade de quatro enterramentos, sendo 3 secundários onde a ritualização dos ossos é a cremação e 1 enterramento secundário em que a ritualização óssea consiste na pigmentação feita por óxido de ferro (Figura 3). O NMI ainda não foi realizado, porém, sabe-se, a partir de metodologias e estudos específicos feitos em laboratório, que o esqueleto ritualizado com óxido de ferro é de um indivíduo do sexo masculino adulto.

Figura 3 – Ossos pigmentados com Óxido de Ferro



Fonte: Acervo pessoal de Flávio A. A. Moraes

Devida a perturbação no sítio por animais e transeuntes ao longo do tempo, não encontramos material associado com os sepultamentos, entretanto, foram encontrados no perímetro do sítio contas de colar com motivos desenhados, concebidas a partir de ossos de aves e rochas minerais, bico de ave (possivelmente periquito), material lítico e dentes de felinos confeccionados como pingentes. Atualmente, o sítio encontra-se parcialmente escavado, tendo possibilidades de futuras intervenções e novas campanhas para maior coleta de dados e informações.

## CONCLUSÃO

Sabendo que a demarcação territorial na qual se encontram os sítios correspondem ao encontrado na literatura como local de habitações dos Cariris e Tarairiús, podemos relacionar as pesquisas arqueológicas diretamente aos relatos etnográficos e prosseguirmos com nossas análises. A atribuição veemente à qual etnia estão relacionados os resultados encontrados no presente estudo é quimérico, porém, podemos supor que, perante a tais descrições

(BARLÉUS, 1974; HERCKMAN, 1886; MARCGRAVE, 1942; NIEUHOF, 1942) os cemitérios encontrados possam ser dos Cariris.

Entretanto, não podemos desconsiderar e nem deixarmos de questionar a veracidade dos relatos de Barléus (1974), Herckman (1886), Marcgrave (1942) e Nieuhof (1942). Porém é cabível considerarmos que os holandeses e seus cronistas não tinham razão para mentir a respeito da cultura dos Tarairiús, uma vez que estes índios se encontravam como seus aliados no período. Não obstante, justificamos nossa suposição partindo da ausência de informações descritivas e informativas a respeito das práticas fúnebres Cariris, na disparidade dos rituais encontrados relacionados aos Tarairiús e na relação de habitação e vivência que estes grupos possuíam nos locais em que se encontram os sítios.

No que diz respeito às comparações das práticas identificadas nos sítios Lajedo do Cruzeiro e Pedra da Tesoura em relação a outros sítios na Paraíba e no Nordeste do Brasil, identificamos que enterramentos do tipo secundários foram encontrados nos sítios Serrote da Macambira - PB (AZEVEDO NETTO e OLIVEIRA, 2015), Barra - PB (AZEVEDO NETTO e OLIVEIRA, 2015), Furna dos Ossos - PB (SANTOS, 2009; SANTOS e FARIAS, 2009; SANTOS e FARIAS, 2010), Toca do Gongo 1 – PI (CISNEIROS, 2004; LUZ, 2014; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995), Toca do Enoque – PI (LUZ, 2014), São José II (LIMA e MORAES, 2017) Baixa das Flores – AL (LIMA e MORAES, 2017), Gruta do Padre - PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1994; MARTIN, 2005), Cemitério do Cabloco – PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1994), Alcobaça – PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 2005; NASCIMENTO e LUNA, 1995/6; OLIVEIRA, 2006), Dunas de Zorobabel - BA (MARTIN, 1994; MARTIN, 2005), Justino – SE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1994; MARTIN, 2005; VERGNE e AMÂNCIO, 1992; VERGNE, 2002), Pedra do Alexandre - RN (CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1995/6; MARTIN, 2005; MARTIN, 2013; MELLO E ALVIM *et al.*, 1995-1996), Pedra do Chinelo - RN (CISNEIROS, 2004), Mirados - RN (CISNEIROS, 2004) e Furna dos Ossos - RN (LIMA *et al.*, 2017).

Dentre os processos de ritualização óssea, encontramos similaridades ritualísticas de pigmentação óssea nos sítios Serrote da Macambira - PB (AZEVEDO NETTO e OLIVEIRA,

2015), Furna dos Ossos - PB (SANTOS, 2009; SANTOS e FARIAS, 2009; SANTOS e FARIAS, 2010), Toca do Gongo 1 – PI (CISNEIROS, 2004; LUZ, 2014; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995), Alcobaça – PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 2005; NASCIMENTO e LUNA, 1995/6; OLIVEIRA, 2006), Pedra do Alexandre - RN (CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1995/6; MARTIN, 2005; MARTIN, 2013; MELLO E ALVIM *et al.*, 1995-1996), Pedra do Chinelo - RN (CISNEIROS, 2004) e Furna dos Ossos - RN (LIMA *et al.*, 2017). E ritualizações de cremação nos sítios Toca do Gongo 1 – PI (CISNEIROS, 2004; LUZ, 2014; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995), Gruta do Padre - PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1994; MARTIN, 2005), Cemitério do Cabloco – PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1994) e Alcobaça – PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 2005; NASCIMENTO e LUNA, 1995/6; OLIVEIRA, 2006).

Diferentemente dos estudos realizados pelos pesquisadores Juvandi de Souza Santos e Carlos Xavier de Azevedo Netto os quais afirmam que as culturas materiais estavam associadas às deposições, mesmo quando o sítio não se encontrava em contexto, achamos por bem não relacionarmos a cultura material como enxoval fúnebre, uma vez que o sítio Pedra da Tesoura, encontrava-se fora de contexto e o material não estava associado diretamente às deposições.

As limitações encontradas para a realização deste trabalho estão centradas na carência de arqueólogos especializados em Arqueologia da Morte/Arqueotematologia que tenham capacitação suficiente para a realização, associação e pesquisa devida que estes sítios necessitam para melhores comparações e compreensão acerca desses rituais.

No entanto, é considerável o fato de que devemos valorizar as pesquisas realizadas até o presente momento, buscando o aperfeiçoamento da ciência e dos cientistas para a obtenção de melhores resultados. Espera-se um crescente incentivo por parte das instituições científicas e de pesquisa, como também de preservação patrimonial e históricas para a continuidade do desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no Brasil.



**Abstract:** Death has been the subject of inquiries, debates and resignifications over the centuries. The funeral rituals show, through material culture and methodologies, particularities and important cultural values that allow us to understand societies that no longer exist. Through ethnographic research and documentation and archaeological research in Paraíba, we sought to learn about the populations that lived in the interior of the Pre-Cabral period and their relationship with Death. We analyze archaeological studies based on previous research carried out at Barra (Camalaú), Serrote da Macambira (São João do Cariri), Pinturas I (São João do Tigre) and Furna dos Ossos (São João do Cariri) sites, bringing preliminary results of the sites Lajedo do Cruzeiro (Pocinhos) and Pedra da Tesoura (Boqueirão). We have identified the correlation of the funeral rituals identified in the Paraíba sites with other sites in the Northeast of Brazil, as well as assuring their attributions to the Tapuias populations. The state of knowledge obtained from the analyzed works and from the researches carried out can be used in other studies, with repercussion of comparative analyzes of funeral rituals of prehistoric populations.

**Key-words:** Death; funeral rituals; Paraíba;

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillipe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias.** Tradução: Priscila Viana de Siqueira. - [Ed. especial] – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2012.

AZEVEDO NETTO, C. X. de; OLIVEIRA, A. M. P. de; **Os documentos arqueológicos e históricos: a relação da cultura material e do ambiente nos sítios arqueológicos do Cariri paraibano.** *In:* Revista do Curso de História UNICAP, 2 (3) : 08 – 27, 2015.

BARLÉUS, Gaspar. **História dos feitos praticados durante os anos no Brasil (1647).** Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1974.

BELTRÃO, Maria C. M. C., AZEVEDO NETTO, Carlos X., AMORIM, Jacqueline. **O cemitério do Caboclo: um novo tipo de sítio arqueológico no interior da Bahia.** *In:* Clio: Série Arqueológica. Nº11 : 71 – 85, 1995/6.

BORGES, Fábio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na área arqueológica do Seridó Carnaúba dos Dantas, RN, Brasil.** Recife: UFPE, 2010.

BORRINI, M.; MARIANI, P.P.; MURGIA, C. RODRIGUEZ, C.; TUMBARELLA, M.V. **Contextual Taphonomy : Superficial Bone Alterations as Contextual Indicators.** J. Biol. Res., Nº1 – vol. LXXXV : 217-219, 2012.

BRITON, Daniel Garrison. **The American Race.** New York, 1891.

CÂMARA CASCUDO, Luis da. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** Rio de Janeiro : Edições de Ouro, 1953.

CARDIM, Fernão. **Tratado da terra e gente do Brasil.** 3. ed. São Paulo: Nacional, 1978.

CARTA de Pedro Carrilho de Andrade ao rei [D. Pedro II] sobre o envio de um memorial de notícias e lembranças acerca da paz e guerra com o gentio do Estado do Brasil. Projeto Resgate - Pernambuco (1590-1826), 1704.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Arqueologia, 2009.

CISNEIROS, D. **Práticas funerárias na Pré-história do nordeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

DANTAS, Beatriz G.; SAMPAIO, José Augusto L.; CARVALHO, Maria Rosário G. de; **Os povos indígenas no nordeste brasileiro**. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo : companhia das Letras/FAPESP, 1992.

DUARTE, Cidália. Bioantropologia. In: José E. Mateus e Marta Moreno-Garcia (eds). **Paleoecologia Humana e Arqueociências**. Sob a Tutela da Cultura. Instituto Português de Arqueologia, 2003.

DUDAY, H. L'archeothanatologie ou l'archéologie de la mort ( archaeothanatology of the archaeology of death. In: Gowland, R e Knüsel, C. (eds). **Social Archaeology of funerary remains**. Oxbow Books, Oxford : 30-56, 2006.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo : Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos Moribundos**. Tradução Plínio Dentzien. Editora ZAHAR : Rio de Janeiro, ed. digital : maio de 2012.

FIGUEIRA, Antônio Fernandes. **O padre Antônio Vieira**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro : Rio de Janeiro: IHGB, tomo especial, 1ª parte, 1915.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **História da Provincia Sãta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil**. In: Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, TOMO XXI – 4º Trimestre, 1858.

GOEJE, C. H. de. **O Cariri(Nordeste Brasileiro)**. Tradução Osvaldo de Oliveira Riedel. In: Revista do Instituto do Ceará, TOMO LXIV, 1950.

GUIDON, Niéde; PARENTI, Fabio; OLIVEIRA, Cláudia; VERGNE, Cleonice. **Nota sobre a sepultura da Toca dos Coqueiros, Parque Nacional da Serra da Capivara, Brasil**. In: Clío : Série Arqueológica, Nº 11 : 187 – 197, 1998.

HERCKMAN, Elias. **Descrição geral da Capitania da Paraíba (1639)**. In: Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. Tomo V, Nº 31 : 239-288. Recife: Typographia Industrial, 1886.

KNÜSEL, Christopher J. **Crouching in fear: Terms of engagement for funerary remains.** *Journal of Social Archaeology*, Vol 14 (1) : 26-58, 2014.

LAET, Joannes de. História ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentais desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 (1647). **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v.30 (1908) : 1–66, Rio de Janeiro, Officinas da Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1912.

LIMA, D.V.R. de; MORAES, F.A. de A. **Estudo Paleobiológico de restos humanos proveniente do sítio Baixa das Flores, Limoeiro de Anadia, Alagoas.** *In: Clio : Série Arqueológica*, Nº 32 (1) : 14-36, 2017.

LIMA, D. V. R.; MORAES, F. A. A.; SANTOS, J. S.; JUNIOR, V. S.; **O sítio cemitério Furna dos Ossos em Santana dos Matos – RN, estudos preliminares dos restos osteológicos humanos encontrados em superfície.** *In: Clio : Série Arqueológica*, Nº 32 (2): 17-47, 2017.

LINDOSO, Dirceu. **Lições de etnologia geral:** introdução ao estudo de seus princípios seguido de dois estudos de etnologia brasileira. Dirceu Lindoso (org.) - Maceió : EDUFAL, 2008.

LOWIE, Robert H. **Handbook of South America Indians.** V. 1. New York, 1946.

LUZ, M. F.. **Práticas funerárias na área arqueológica da Serra da Capivara, sudeste do Piauí, Brasil.** Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

MAMIANI, Luiz Vincencio. **Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasílica da Nação Kariri.** [1698]Lisboa (Edição fac-similar, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional), 1942.

MARCGRAVE, Jorge. **História natural do Brasil (16--).** São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 1942.

MARTIN, Gabriela. **Os Rituais Funerários na Pré-história do Nordeste.** *In: Clio : Série Arqueológica*, Nº 10 : 29 - 46, 1994.

\_\_\_\_\_. **O cemitério pré-histórico “Pedra do Alexandre” em Carnaúba dos Dantas, RN.** *In: Clio: Série Arqueológica*, Nº 11 : 43 – 57, 1995/96.

\_\_\_\_\_. **L'ic história do Nordeste do Brasil.** 4ª ed. Recife: Hd. Universitária da UFPE, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** Recife: Editora Universitária, UFPE, 2013.

MELLO E ALVIM, M. C. de; UCHÔA, D. P.; SILVA, S. F. S. M. da;. **Osteobiografia da população pré-histórica do abrigo Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN.** *In:* Clio : Série Arqueológica, 1 (11): 17- 42. 1995-1996.

MONTANARI, Danila Comastri. **MORITURI TE SALUTANT.** Rio de Janeiro : Record, 2011.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte.** 2ª edição. Portugal : Editora Europa América. Coleção Biblioteca Universitária, 1988.

NANTES, Bernardo de. **Catecismo da língua Kariris.** Edição fac-similar, por Julio Platzmann, da primeira edição (1709). Leipzig: B. G. Teubner, 1896.

NANTES, Pe Martinho de. OFM cap. **Relação de uma missão no Rio São Francisco (1707).** São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

NASCIMENTO. Ana. ALVES, Claudia. LUNA, Sueli. **O sítio arqueológico Alcobaça, Buíque, Pernambuco:** primeiros resultados. *In:* Clio : Série arqueológica. Nº 11: 87-98, 1995/96.

NIEUHOF, Joan. **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Martins, 1942.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** a problemática dos lugares. Projeto História; *In:* Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, Nº 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento. **O sítio arqueológico Alcobaça: sítio referência no vale do Catimbu - Buíque - PE.***In:* Clio : Série Arqueológica, Nº 21 (2) : 05 -39, 2006.

PINTO, Estêvão. **Etnologia brasileira (Fulniô – os últimos Tapuias).** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SALVADOR, Vicente do. **História do Brasil: 1500-1627**. 3ª ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo: 1931.

SAMPAIO, Theodoro. **Da evolução histórica do vocabulário geográfico no Brasil**. *In*: Revista do Instituto do Ceará. TOMO XVI, 1902. p. 209-222

SANTOS, J. S. **Práticas funerárias e cultura material nos Sertões da Paraíba** : a necrópole sítio Pinturas I, em São João do Tigre / Juvandi de Souza Santos. – Recife : O Autor, 2009.

\_\_\_\_\_. **A escavação arqueológica da necrópole Sítio Pinturas I, na APA das onças, em São João do Tigre**: Traços indelévels dos indígenas cariris nos sertões da Paraíba. João Pessoa : JRC, 2011.

SANTOS, J. S. ; FARIAS, A. A. . **Diagênese óssea nos cemitérios indígenas dos Sertões da Paraíba**. *In*: Clio : Série Arqueológica v. 24 : 111-125, 2009.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos ósseos de 5 necrópoles indígenas da Paraíba e Rio Grande do Norte**: entre pesquisas e vandalismos, sítios arqueológicos salvos. *In*: Ciência e Conhecimento, v. 07 : 1-13, 2010.

SHAKESPEARE, William. **HAMLET**. Tradução de Millor Fernandes, 1984. [1609] Disponível em: <http://www2.uol.com.br/millor/teatro/> / Acesso em 20 de abril de 2018.

SILVA, Filipa Cortesão; CUNHA, Eugénia; GONÇALVES, Victor. **Sinais de fogo: análise antropológica de restos ósseos cremados do Neolítico final/Calcolítico do tholos OP2b (Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz)**. *In*: Antropologia Portuguesa, 24/25 : 109-139, 2007/08.

SILVA, Joadson Vagner. **Apontamentos sobre a História indígena na serra de Santana – RN, séculos XVII e XVIII**. Caicó: UFRN, 2015

SILVA, Sérgio Francisco Serafim Monteiro da. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SOBRINHO, Pompeu. **Os Tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Herckman**. *In*: Revista do Instituto do Ceará. TOMO XLVIII : 7 - 28, 1934.

\_\_\_\_\_. **Sistema de parentesco dos índios Cariris.** *In:* Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXI, 1947.

\_\_\_\_\_. **As origens dos Índios Cariris.** *In:* Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXIV, 1950.

SOLARI, A.; ALVES-PEREIRA, A.; ESPÍNOLA, C. S.; MARTIN, G.; COSTA, I. P. da; SILVA, S. F. S. M. da. **Escavações arqueológicas no abrigo funerário Pedra do Cachorro, Buíque, Pernambuco.** *In:* Clio : Série Arqueológica, Nº 31 (1): 105-135. 2016.

SOLARI, A.; SILVA, S. F. S. DA. **Sepultamentos secundários com manipulações intencionais no Brasil: um estudo de caso no sítio arqueológico Pedra do Cachorro, Buíque, Pernambuco, Brasil.** *In:* Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, Nº 12 (1):135-155, jan-abr. 2017.

TEIXEIRA, Luana. **Para além da “pedra e caco”: o patrimônio arqueológico e as igaçabas de Palmeira dos Índios, Alagoas.** Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2012.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. *In:* CUNHA, Manuela Carneiro da (org). **História dos Índios no Brasil.** São Paulo : companhia das Letras/FAPESP, 1992.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História das lutas com os holandeses no Brasil: desde 1624 até 1654.** Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 2002.

VERGNE, C. **Estruturas funerárias do sítio do Justino: distribuição no espaço e no tempo.** *In:* Canindé, Nº 2 : 251-237, 2002.

VERGNE, C.; AMÂNCIO, S. **A Necrópole pré-histórica do Justino/Xingó – Sergipe: Nota prévia.** CLIO – Série Arqueológica, Nº 8 : 171 – 181, 1992.